

Apresentação

M. Carmen Villarino Pardo¹
Regina Dalcastagnè²

Esta edição comemora os 50 números da revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* e os 20 anos do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, sediado na Universidade de Brasília, mas com integrantes de diversas instituições do país e do exterior. Não é pouco diante das dificuldades que rondam as pesquisas e a publicação de periódicos no Brasil, especialmente na área de Humanas. Por isso, reservamos para este volume um conjunto de textos que consideramos representativos das principais preocupações do grupo de pesquisa que edita a revista e que se abre, também a partir dela, para o diálogo com os demais estudiosos da literatura brasileira contemporânea, seja no âmbito nacional, seja no internacional.

As teorias sistêmicas – com diferenças de formulação entre elas – estão basicamente interessadas, longe das concepções idealistas e atemporais da arte e da literatura, em “descrever e explicar como funcionam os textos na sociedade, em situações reais e concretas” (Iglesias Santos, 1994, p. 310). De modo que, em vez de se dedicarem “à interpretação de uma série de obras canônicas, atentem às condições de produção, distribuição, consumo ou institucionalização dos fenômenos literários” (Iglesias Santos, 1994, p. 310).

Não se abandona o estudo e a análise do texto literário, mas algumas dessas orientações teóricas (como a dos campos, de Pierre Bourdieu, e a dos polissistemas, de Itamar Even-Zohar) consideram fundamentais também o estudo dos diferentes fatores que intervêm no sistema/campo (instituição, mercado, repertório, produtor, consumidor) e nas práticas e funções de que participam. Trata-se de entender os sistemas como espaços dinâmicos, onde se produzem diferentes lutas para delimitar, a cada momento, categorias flexíveis, como centro(s) e periferia(s), por exemplo.

¹ Doutora em filologia e professora na Universidade de Santiago de Compostela, Galiza, Santiago de Compostela, Espanha. E-mail: carmen.villarino@usc.es

² Doutora em teoria literária e professora da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: rdal@unb.br

Essa maneira de compreender o funcionamento do fenômeno literário abre amplas possibilidades para conhecer obras, autores, tendências que ficaram fora de uma determinada tradição ou que, em uma época concreta, não ocuparam posições destacadas dentro do sistema (Villarino Pardo, 2000, p. 10-23). Considerar sua existência³ contribui para entender melhor a posição de prestígio que ocupam outros elementos da rede literária, assim como as relações (ou a mínima presença delas) e as dinâmicas de que participam como integrantes do mesmo campo (Bourdieu, 1996). Estão em jogo os processos de valorização que se aplicam dentro de um sistema a determinados produtos literários, destacando que não se trata de uma característica inerente a eles, mas do resultado de uma série de disputas.⁴

Assim, da perspectiva sistêmica, o fenômeno literário deve ser entendido como uma atividade ligada a outras dentro do espaço social, no interior de uma sociedade. Ficam de parte determinados apriorismos (sobretudo no que diz respeito ao objeto de estudo) e questiona-se o modelo estático de aproximação ao(s) fenômeno(s) literário(s). Concebida como uma instituição social, a literatura não se limita a uma coleção de textos, fundamentalmente aqueles legitimados. De acordo com Even-Zohar (1999, p. 29, tradução nossa),

aceitando-se a ideia de que seria mais conveniente o tratamento da “literatura” como uma rede ou um complexo de atividades, a distinção entre “bens” e “ferramentas” nessa rede seria um passo à frente para liberar a análise da “literatura” do isolamento que resulta de tratá-la como um fenômeno *sui generis*.

Esse tipo de reflexão insere-se num debate mais amplo que afeta, entre outros, o próprio caráter do literário e, de maneira visível para o campo acadêmico (mas não apenas), implica o questionamento da função dos estudos literários na atualidade. Se durante muito tempo estes se centraram na análise de gêneros, textos e autores/as canônicos –

³ Pierre Bourdieu entende que alguns desses “esquecimentos” devem-se, por vezes, ao fato de que “aqueles que se ocupam de fazer a ciência das obras, com as intenções e os pressupostos teóricos e metodológicos mais diferentes, têm regularmente deixado de considerar, como tal, os espaços sociais em que se encontram situados os agentes que contribuem para a produção de obras culturais e que eu chamo de campos (literário, artístico, científico, filosófico, etc.)” (Bourdieu, 1991, p. 4, tradução nossa).

⁴ O cânone, desta perspectiva, deixa de ser visto como uma verdade universal, para ser entendido como o resultado de um processo social, coletivo.

em boa medida, na perspectiva de estar trabalhando com “monumentos ou bens comuns compartilhados” por pessoas de uma determinada tradição e no entendimento da produção literária como um “bem” (Even-Zohar, 1999) –, nas últimas décadas foram se instaurando outras propostas, dependendo das tradições acadêmicas.

Cientes do chamado “giro cultural” que os estudos de Humanidades têm experimentado, torna-se imprescindível discutir a incorporação de novos objetos de estudo às nossas áreas habituais de pesquisa. Desse modo, as fronteiras do literário passaram a alargar-se não apenas a outros âmbitos artísticos “tradicionalmente próximos” (cinema, pintura, fotografia, música etc.) como também aos formatos e espaços digitais (cibercultura e outras propostas) e à incorporação de novos elementos repertoriais ou de produtores/as de outros âmbitos e posições no campo literário e na própria sociedade.

O Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea tem problematizado e colocado em discussão em diferentes fóruns (como a própria revista, as publicações em livro e artigos, os colóquios realizados no Brasil ou no exterior) a produção literária brasileira na contemporaneidade. Nos colóquios o foco tem sido, em alguns casos, analisar “percursos, cruzamentos e interseções” (2014, na Georgetown University) no interior do sistema literário brasileiro que, como em outros países, incorporou os desafios de novos modos de produção, recepção e mediação, além de inserir novos repertórios e novos modos de institucionalização e mercado. Noutros, a ênfase recaiu sobre “espaços, traduções e intermediações culturais” (2013, na Université Paris-Sorbonne e na Freie Universität de Berlim); sobre “autoria, experiência e aportes críticos rasurados” (2013, na Universidade de Brasília); e, recentemente, sobre “territórios, comunidades e lugares do literário” (2015, na Universidade de Buenos Aires); “o local, o nacional, o internacional” (2016, na Universidade de Santiago de Compostela) e as “cartografias da produção atual” (2016, na Universidade de Brasília).

Já a revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* vem publicando dossiês sobre diferentes aspectos do campo literário (n. 34) e do espaço social (n. 22, 42 e 49), observando, especialmente, as representações de grupos marginalizados, com foco em questões vinculadas a gênero (n. 16 e 32), raça (n. 31) e classe (n. 21 e 41). Também foram abordados os diálogos e fronteiras entre literatura e política (n. 43), literatura e memória (n. 14, 27 e 40), literatura e outras linguagens (n. 37),

literatura e novas mídias (n. 47) e literatura e jornalismo (n. 17), por exemplo. Estiveram entre as preocupações da revista, ainda, questões mais específicas e, às vezes, menos valorizadas no campo acadêmico de Letras, como as poéticas da oralidade (n. 35) e a literatura infantojuvenil (n. 5, 36 e 46), e mesmo discussões voltadas para a construção narrativa na contemporaneidade, como a permanência do realismo (n. 39) ou a personagem do romance (n. 26). No presente volume, que comemora os 50 primeiros números da publicação, optamos por incluir trabalhos que, em boa medida, abordam vários desses assuntos e que discutem os lugares e os limites do literário.

Com perspectivas teóricas e abordagens metodológicas bastante diferentes entre si, além de procedências institucionais muito variadas, os artigos oferecem um conjunto de propostas de análise da literatura brasileira contemporânea que se tornam desafios para discutir, hoje, o estatuto do literário e sua valorização como um *bem* e/ou como uma *ferramenta*. Em um primeiro momento, estão reunidos cinco textos (vindos da Espanha, Itália, Dinamarca e Brasil) que trabalham com a relação entre literatura e memória, abordando questões vinculadas às artes plásticas, política, afetividade e sexualidade. Depois, há oito artigos (provenientes da Argentina, Portugal, Espanha e Brasil) que buscam discutir as novas possibilidades de construção textual na contemporaneidade e suas implicações, tanto estéticas quanto políticas. Em seguida, temos quatro textos (do Brasil, Itália, França e Argentina) que retomam a discussão sobre a autorrepresentação de grupos marginalizados e os lugares da literatura de periferia no cenário atual. Por fim, um conjunto de cinco artigos (todos brasileiros) que indagam as políticas públicas para a literatura no Brasil – políticas que correm o risco de serem extintas a partir de agora, quando há um retrocesso em todas as iniciativas para a democratização da cultura no país. O dossiê se fecha com o texto de Rita Terezinha Schmidt, que discute o lugar dos estudos literários e das Ciências Humanas nas universidades do país e no exterior.

Esperamos que este trabalho seja uma contribuição para a ampliação do acesso à literatura no Brasil, desde sua leitura até sua produção, passando ainda por sua circulação, consumo, ensino e avaliação crítica.

Santiago de Compostela/Brasília, dezembro de 2016.

Referências

- BOURDIEU, Pierre (1991). Le champ littéraire. *Actes de la Recherche*, v. 89, n. 1, p. 3-46, set.
- BOURDIEU, Pierre (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Presença.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1990). The "literary system". *Poetics Today*, v. 11, n. 1, p. 27-44.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1999). La literatura como bienes y como herramientas. In: VILLANUEVA, Darío; MONEGAL, Antonio; BOU, Enric (Coord.). *Sin fronteras: ensayos de literatura comparada en homenaje a Claudio Guillén*. Madrid: Castalia, p. 27-36.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2007). *Polisistemas de cultura*. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv/Laboratorio de Investigación de la Cultura, 2007-2011. Disponível em: <https://goo.gl/1Yn9Q7>.
- IGLESIAS SANTOS, Montserrat (1994). El sistema literario: teoría empírica y teoría de los polisistemas. In: VILLANUEVA, Darío (Comp.). *Avances en teoría de la literatura: estética de la recepción, pragmática, teoría empírica y teoría de los polisistemas*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, p. 309-357.
- VILLARINO PARDO, Maria del Carmen (2000). *A República dos sonhos: a trajetória literária de Nélide Piñon na segunda metade do século XX*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións da Univ. de Santiago de Compostela. CD-Rom.